

O silêncio, o tempo e o aprender com o coração

Carmina Mendes André*
Vanessa Rosa de Araujo**

* Carmina Mendes André é Doutora em Educação e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IA-Unesp), ministra aulas na disciplina Jogos e Teatro e Educação, no curso de Licenciatura Arte – Teatro e no PPGA - IA/ Unesp.

** Vanessa Rosa de Araújo é palhaça e arte-educadora, formada pelo Instituto de Artes da Unesp, e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes do mesmo instituto.

Resumo |

O que é educar? O que significa aprender? Quais as matérias de ensino? Neste texto, compartilho um pouco do meu processo de aprendizado junto aos Guarani Mbya. Ao conhecer a proposta educacional realizada no Centro de Educação e Cultura Indígena Tenondé Porã , pude viver um intenso aprendizado sobre educação, cultura, vida e espiritualidade. Compreendi, assim, que os principais e importantes saberes não cabem em uma sala de aula.

Palavras-chave: Educação indígena; Cultura; Vida; Memória; Ancestralidade.



Fig 01: Crianças — Atividade no Ceci: brincadeira da mandioca.

Este texto nasceu para compor as escritas do meu trabalho de conclusão de curso *Juruá quer fazer Nhandereko — educação indígena, cultura, vida e rezos*, no qual compartilho os estudos sobre a prática educacional desenvolvida pelo povo Guarani Mbya no Centro de Educação e Cultura Indígena Tenondé Porã, para crianças de zero a 6 anos, moradoras da aldeia. Durante três anos, através de idas e experiências na aldeia, procurei identificar os valores, saberes e processos educacionais praticados pelos educadores e coordenadores do Ceci, observando as ações de rompimento com o modelo escolar tradicional e a criação de novas práticas e alternativas para o fortalecimento cultural e ensino sobre a vida. Durante o percurso, ao lado de buscas por referências bibliográficas sobre a temática “educação indígena”, compreendi que estava mergulhando numa pesquisa-vida e que conhecer sobre a prática educacional dos Mbya levava a um processo profundo de reconhecimento de minhas raízes e ancestralidades, entendendo que falar sobre educação é falar sobre cultura, vida e espiritualidade.

No texto a seguir, relato meu processo de aprendizado, no qual o tempo, o silêncio e o aprender com o coração - as bases e metodologias de ensino da cultura Guarani - levaram-me a sair do papel de pesquisadora, para ser apenas uma aprendiz.

Peço licença ao povo Guarani Mbya, para compartilhar aqui meus processos de aprendizado junto a vocês!

Aguyjevete, pra quem luta pelo seu povo!!!

[...] Esse pensamento é um pensamento que guardo no meu espírito, não para criticar, não para ofender o povo brasileiro. Se isso fosse uma história do passado, eu não teria prazer nenhum em ficar contando para entristecer as pessoas; mas ela é uma história do presente, e eu vejo com indignação e com vergonha, porque não adianta nada nós fazermos trezentas conferências pelo Brasil todo, se você que ouve continuar achando que não tem nada a ver com isso [...] achar que os índios se salvam, e nós brasileiros vamos salvar nossos empregos, a nossa rua, o nosso quarteirão, o nosso bairro. Essa omissão me assusta muito, porque é a situação de quem mora na varanda e não presta atenção na sua casa. Vocês só vão prestar atenção na casa no dia em que ela estiver queimando, pegando fogo e só tiver sobrado cinzas. A nossa casa é a mesma de vocês. O rio que é importante para o meu povo é o mesmo rio que vai dar água para o seu filho e para seu neto. (KRENAK apud MUNDURUKU, 2002, p. 90).

Não é apenas o caminho que determina qual o lugar ao qual iremos chegar, mas também como decidimos seguir por ele.

Educação que ensina sobre a vida reflete na alma. O que eu vivia não eram aulas de técnica, de letramento ou de formas de como ser e viver no mundo. As crianças não sentavam dentro de uma sala de aula para descobrirem o mundo, e sim o conheciam saindo das salas. Não existia uma verdade a ser ensinada para as crianças. O que se propunha era que cada uma descobrisse a sua verdade, a sua existência. Todos partilhavam suas verdades, seus conhecimentos. Por isso, não se

separam as crianças por idade, pois todas aprendem juntas, umas com as outras.

Sempre fala isso, cada um de nós tem mensagens dentro de nós para passar para os próximos, cada um de nós... é um microcosmo.

Eu entendo assim, que cada um de nós é um mundo, somos um mundo... um pequeno mundo... você, ele, ela, eu... todo mundo, e muitas vezes também o que não é gente... me refiro as plantas, por exemplo, uma planta medicinal que está ali, mas ela tem a capacidade de curar, ela tem a capacidade de passar esta mensagem para o ser humano... Mas você tem que saber preparar... estar ciente... nós consideramos isso... e eu penso que jamais o Guarani perderá isso... esse conhecimento que é rico. (POPYGUA, 2017, p. 64).

As crianças Mbya não estavam sendo preparadas para ser alguém quando crescessem; elas estavam vivendo a potência de serem crianças no presente, no dia a dia. Esse é um dos modos como os Mbya pensam no futuro: afirmando sua presença e força em saberem quem são, para assim saberem para onde seguir.

[...] você não pode se esquecer de onde você é nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde vai [...] Isso não é só importante para a pessoa do indivíduo; é importante para o coletivo, é importante para uma comunidade humana saber quem ela é, saber para onde ela está indo. (KRENAK apud MUNDURUKU, 2012, p. 49).

Meu lugar junto aos Mbya poderia ter sido de uma pesquisadora interessada em desenvolver um trabalho acadêmico sobre educação escolar indígena. E em parte isso também aconteceu. Mas houve um momento em que me libertei dos acordos acadêmicos, das necessidades de aprovação nos estudos e dos resultados e passei a relacionar e viver o meu processo, de estar ali com os Guarani, como aprendizado para a vida.

Nos primeiros dias, eu caminhava com um caderninho de anotações, mas me sentia muito estranha em ficar observando e escrevendo, como se eles fossem objetos de um estudo. Logo parei com

isso, e me dediquei a anotar somente depois, quando já estava apenas comigo mesma. Depois, passei também a não anotar mais e a trabalhar a minha memória, fazê-la funcionar novamente e compreender que o processo de aprendizado não estava nos escritos dos milhares de papéis que me cercavam, mas sim nos escritos em meu corpo/memória.

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso, nossa memória é longa e forte. (KOPENAWA, 2015, p. 75).

Eu também não tirava muitas fotos — demorei muito para tirar algumas —, não pedia muitos documentos e parei de fazer muitas perguntas, pois meu primeiro aprendizado foi a importância do silêncio.

Quando se chega num lugar, o mais óbvio e comum é fazer perguntas para compreender onde se está, com quem se está e os processos que se desenvolvem naquele lugar. Era exatamente o que eu fazia — perguntava. Como se o entendimento das coisas fosse estar nas palavras em formato de resposta. E quanto mais respostas, mais eu iria ter conhecimento. Não!

Se o corpo era matéria de prática dos ensinamentos para as crianças Mbya, por que eu esperava aprender ouvindo lógicas construídas em palavras?

A palavra é muito importante para os Guarani, mas apenas quando elas saem do coração, com os ensinamentos de *Nhanderu* (pai divino, grande espírito).

E foi entre sorrisos e alguns “isso aí eu não sei falar” que eu ouvia dos educadores e educadoras do Ceci que eu comecei a aprender com e sobre o silêncio.

O Silêncio

A palavra para a gente juruá (não indígena) parece ter muita força. Para nós, moradores das cidades barulhentas, cujo silêncio é um incômodo, estar em um grupo de pessoas em silêncio é um desconforto de relações. Falar, falar seja lá o que for, “jogar conversa fora”, é mais valioso do que silenciar em parceria com alguém.

Comecei a perceber que os Mbya não ficavam o tempo todo falando com as crianças nem entre eles. Havia espaço para o silêncio, e ele não estava ali por acaso — ele era a resposta para as escutas. O silêncio é o momento em que você fica com você e se percebe em relação ao meio que ocupa, conecta-se com a natureza (ar, fogo, terra, água, madeira, borboleta...), diminui o fluxo dos pensamentos e apenas se está. Não há necessidade de sempre se colocar no espaço projetando sua voz, como se isso representasse a sua existência. O silêncio nos possibilita ouvir os pequenos sons, as muitas vozes existentes, sentir o cheiro das pessoas, das coisas, dos lugares, ver de verdade e não apenas passar o olhar despercebido das profundidades e das cores, sentir a chegada das pessoas, sentir a mudança do tempo e a força e conexão de nossa existência com a terra.

Foi o silêncio que me possibilitou compreender a importância do tempo.

O tempo

Escrevo novamente: o tempo de aprender da criança Guarani cresce junto com ela. Não se determina o momento e a quantidade de horas que a criança tem para aprender alguma coisa. Para os Mbya, a criança irá aprender no tempo certo. Quando for o momento, ela vai saber, e isso não requer comparações ou provações, pois se respeita o tempo de aprendizado de cada criança.

A criança precisa ter liberdade para que ela aprenda. Com tempo, sem pressão. Quando ela aprende a fazer o artesanato, não pode dizer “Você tem que fazer agora!”. A criança tem todo tempo para aprender. Nós não temos pressa. O tempo vai ensinar para ela. (MACENA apud SÃO PAULO, 2012, p. 14).

E eu pude ver a ação do tempo no processo de aprendizado das crianças, e no meu.

O tempo também está relacionado com aquilo que você se propõe a fazer/viver.

Como nós, não indígenas, nos relacionamos com o tempo?

*Eu não tenho tempo!
Tempo é dinheiro!
Eu passo rapidinho para te ver!
De segunda a sábado, com carga horária de 8 horas de trabalho, com direito a uma hora de almoço e descanso.
Eu preciso desses documentos, para ontem!
A partir de cinco minutos de atraso, já é descontado do salário!*

Tempo não é dinheiro, não é a garantia de que você esteve presente em algum lugar, tempo não quer dizer que você aprendeu algo de fato.

O tempo é o modo como se compreendem e respeitam os processos da vida.

Aprendi com os povos indígenas que a natureza nos ensina muito sobre o tempo, sobre a necessidade das mudanças e transformações, da importância dos ciclos, do passar dos anos, das experiências do corpo e da mente, do tempo de preparação da terra, de plantio e de colheita.

Nós, da sociedade de mercadorias, compreendemos o tempo em formato de relógio. Não sentimos mais ele passar com calma, não vivemos mais em relação ao ciclo da Lua, não acompanhamos o crescimento e aprendizado de nossas crianças, pois boa parte do dia elas estão longe de nós, nas escolas, enquanto nós trabalhamos.

E mesmo se houver tempo para se viver algo, o que viver? Qual o sentido do tempo? Tempo para quê?

Silêncio...

...é tempo de dar tempo aos processos, de sentar na grama e passar toda a manhã jogando futebol com as crianças. De aprender que não há necessidade de uma série de atividades e informações para que as crianças vivenciem os aprendizados sobre ser Guarani. O tempo de brincar, brincar até cansar, subir em árvores, sentar em volta da fogueira e observar o fogo, sentar na grama e ver o Sol trocar de lugar com a Lua, olhar para o céu e então saber qual a atividade do dia que será realizada; isso sim, é tudo matéria de aprendizado.

Foi com o tempo que eu pude notar mudanças no meu processo de pesquisa. A cada ida ao Ceci, saía com novos olhares e perguntas. As inquietações não eram dúvidas; eram provocações profundas que me fizeram pensar sobre o meu modo de vida. Qual era o meu *Nhandereko*¹?

O silêncio era meu guia, pois me fazia entender com o corpo, ouvir mais do que pensar e falar e deixar fluir o segundo pensamento, o pensamento que vem do coração.

Das amigadas que surgiram ao longo dessa caminhada, das perguntas que desaguavam em respostas depois de alguns meses, das contradições sociais, das provocações e cuidados para não me repetir em uma colonizadora amiga... tempo, tempo de deixar maturar aquilo que o pé aprendeu a ler, que o nariz aprendeu a sentir, que a voz aprendeu a cantar e o corpo aprender a responder.

Eu apenas estava ali, acompanhando as atividades, entendendo que o silêncio e o tempo desaguavam em novas formas de escutar e/ou estava aprendendo a escutar de verdade... Segui assim, acalmando a

¹ *Nhandereko* significa o modo de vida Guarani. É através do *Nhandereko* que os Guarani se guiam por este mundo, ensinam suas crianças e vivem suas espiritualidades.

mente, trazendo leveza para aterrar firme no processo de mexer com aquilo que não me fizeram saber, momento de questionar as verdades impostas.

Penso que é daí que nasce minha dificuldade com as palavras. Elas ainda se fazem e desfazem dentro de mim; estão em processo de maturação no corpo para saírem em escritas e narrativas. Não é fácil dizer o que eu aprendi, o que eu vivi, as experiências... um jeito outro de aprender novos saberes talvez precise também de um jeito outro de compartilhar os aprendizados.

Aprender com o coração

O que compartilhava eu com meus parentes? Quando nos reuníamos numa roda de conversas e silêncios? Quais nossos alimentos e as sabedorias que temos sobre eles? Quais as histórias que viveram nossos ancestrais? Quais as histórias que ouvi sobre como viver neste mundo? Quais eram nossas formas de cuidados uns com os outros? Quem eram aquelas e aqueles que vieram antes de mim? Quem são os meus parentes? Por que vivi tantos anos dentro de escolas? O que eu aprendi nessas instituições de ensino? Quais são os nossos segredos?

Havia uma lacuna gigante dentro de mim, um vazio...

Uma coisa era ter inquietações e viver na intensidade da vida na cidade, fazendo teatro, faculdade, cursos, buscando algumas respostas e entendimentos no dia a dia. Outra coisa era conhecer e estar com um povo que respondia às minhas inquietações na prática, no dia a dia da vida na *tekoa* (aldeia), e principalmente no modo como educavam suas crianças.

Cada sinal que recebemos tem um significado para nossa vida. O canto de um pássaro pode indicar algo, os trovões que passam são sinal de que algo está pra acontecer, as formigas no meio do caminho, as formas das nuvens, a direção do vento, enfim, muitos

presságios nos são transmitidos pelos sinais da natureza, que com sua delicadeza e sabedoria vai nos guiando e nos ensinando como bem viver, que em guarani se fala: *Teko Porã*, um conceito filosófico, político, social e espiritual que expressa exatamente essa grande Teia, na qual vivemos em equilíbrio, respeito e harmonia. (TAKUÁ, Cristiane, 2016).

Assim, com o tempo, em silêncio e de peito aberto, de pesquisadora me tornei um aprendiz, e tudo que eu vivenciava junto com as crianças, com os educadores e funcionários do Ceci, começou a refletir no meu modo de ser, ver e estar neste mundo.

Meu aprendizado começava no busão que eu pegava em direção à aldeia.

São Paulo é grande!

E da janela do ônibus, eu via a paisagem ficar mais verde e mais tranqüila. Eu ia me desprendendo dos barulhos dos carros, das máquinas e das multidões aceleradas.

Quanto mais próxima das aldeias, mais próxima do silêncio.

Caminhar na estrada de terra e avistar a mudança da ocupação territorial e energética do espaço, em plena cidade de São Paulo, era compreender que é possível e real outras formas de viver neste planeta.

As matérias de ensino eram árvores, plantas, o território, o corpo, o movimentar-se, as relações entre as pessoas, o silêncio, as poucas e precisas palavras, o tempo e as escutas.

Os saberes passados para as crianças do Ceci são aqueles necessários para que se possa saber viver, e viver muito bem.



Fig 02: Crianças correndo. Arquivo da autora.

Salve os Guarani Mbya!!!

Salve todos os povos originários!!!

Referências

AFFONSO, Ana Maria Ramo y; PESQUISADORES Guarani de Aldeias de Santa Catarina e Paraná (Org.). *Guata Porã: belo caminhar*. São Paulo, 2015. Disponível em:

<http://www.sed.sc.gov.br/documentos/seminario-estadual-de-politicas-18-a-21-de-outubro-2016/formacao-sed/4795-guata-pora-belo-caminhar-livro/file>. Acesso em: 18 dez. 2018.

EQUIPE MAPA GUARANI CONTINENTAL (Org.). *Caderno Mapa Guarani Continental: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai*. Campo Grande, MS. Cimi, 2016. Disponível em:

<https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/guarani->

continental-povos-guarani-na-argentina-bolivia-brasil-e-paraguai.
Acesso em: 18 dez. 2018.

JEKUPÉ, Kaka Werá. **Tupã Tenondé**, a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.

JEKUPÉ, Olívio. **500 anos de angústia**. São Paulo: Scortecci, 2015.

JEKUPÉ, Olívio. **Literatura escrita pelos povos indígenas**. São Paulo: Scortecci, 2009.

KOPENAWA. Davi; BRUCE. Albert. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Companhia das letras. São Paulo. 2015.

KRENAK, Ailton. **Encontros Ailton Krenak**. Organização Sérgio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. **Banquete dos Deuses – conversas sobre a origem da cultura brasileira**. São Paulo: Editora Angra, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro: 1970-1990**. São Paulo: Paulinas, 2012.

POPYGUA, Timóteo. **Yvyrupa: a terra uma só**. São Paulo: Hedra, 2017.

PROGRAMA ALDEIAS (Org.). **Ka'aguy re jaiko: vivemos na mata**. Tradução Jordi Ferre. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2016. Disponível em:
<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/GILO0016.pdf>. Acesso em 18 dez. 2018.

São Paulo (Estado). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares, expectativas de aprendizagens e orientações didáticas dos centros de educação infantil indígena (CEII) vinculados aos centros de educação e cultura indígena (CECI) da cidade de São Paulo**. São Paulo: SME / DOT, 2012. Disponível em:
<http://livrozilla.com/doc/1110420/orienta%C3%A7%C3%B5es-curriculares>. Acesso em: 18 dez. 2018.

TAKUÁ, Cristiane. **Tekó Porã: práticas educativas guarani para o bem viver. Ecologia dos saberes: alfabetização e descolonização culturais**. Disponível em:
<<https://educezimbra.wordpress.com/2016/04/13/teko-pora-praticas-educativas-guarani-para-o-bem-viver-por-cristine-takua/>>.
Acesso em: 26 set. 2017.

Abstract |

What is education? What does learning mean? What are the teaching subjects? In this text, I share a bit of my learning process with the Mbya Guarani. After knowing the educational purpose from the Indigene Cultural and Educational Center of Tenodé Porã, I was able to experience an intense learning about education, culture, lives and spirituality. All in all, I could realize that the most important knowledge do not fit in the classroom.

Keywords: Indigenous education; Culture; Life; Memory; Ancestry.